

7

AUTOMEDICAÇÃO DURANTE O
PERÍODO DA PANDEMIA DE COVID-19
ENTRE FEVEREIRO À DEZEMBRO DE
2020 – REVISÃO INTEGRATIVA▶ **Elayne Jeyssa Alves Lima**

Enfermeira. Centro Universitário UniFacid Wyden.

Teresina – PI.  ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3516-0018>

E-mail: enf.elayne@gmail.com

▶ **Francisco Braz Milanez Oliveira**

Enfermeiro. Doutor e Docente em Enfermagem. Centro Universitário UniFacid Wyden.

Teresina – PI.  ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3841-0104>

E-mail: braz_cm@hotmail.com

▶ **Luís Gustavo Alves de Moura**

Farmacêutico. Centro Universitário UniFacid Wyden.

Teresina – PI.  ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8818-1800>

▶ **Ithalo Gomes Garcia Sousa**

Médico. Faculdade Atenas Sorriso

Sorriso – MT.  ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1027-2053>

E-mail: gomesithalo137@gmail.com

▶ **Washington Luiz Raimundo Gomes Tavares**

Enfermeiro. Centro Universitário São José.

Rio de Janeiro – RJ.  ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9195-7999>

E-mail: ton.luiz@outlook.com

▶ **Geysa Soares de Sepúlveda**

Enfermeira. Universidade Estadual do Piauí.

Floriano – PI.  ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3419-702X>

E-mail: gesepulvida@hotmail.com

▶ **Ana Hilda Silva Soares**

Enfermeira. Centro Universitário Uninovafapi.

Teresina – PI.  ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-8918-1780>

E-mail: anahildaenf@gmail.com

▶ **Wanderlene de Oliveira do Nascimento**

Enfermeira. Centro Universitário Uninovafapi.

Teresina – PI.  ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-8918-1780>

E-mail: wanderlene@bol.com.br

▶ **Thays Gomes da Silva**

Enfermeira. Universidade Salgado de Oliveira

Goiânia – GO.  ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-3662-3475>

E-mail: gomes.thays@hotmail.com

▶ **Jessyane de Brito Lima**

Enfermeira. Centro Universitário UniFacid Wyden.

Teresina – PI.  ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3011-3682>

E-mail: jessyanelimacontato@hotmail.com

RESUMO

INTRODUÇÃO: A COVID-19 é uma síndrome respiratória viral confirmada em Wuhan, China, em dezembro de 2019. Devido ao potencial letal do vírus, algumas pessoas tentaram resolver a doença de forma rápida e fácil, recorrendo à automedicação. **OBJETIVO:** Identificar os fatores associados à prática de automedicação durante a pandemia de COVID-19. **METODOLOGIA:** Trata-se de uma ampla revisão da literatura em que a construção da pesquisa está amparada na questão “Como foi evidenciado a prática da automedicação durante a pandemia no Brasil?”. A pesquisa foi realizada em maio de 2021, utilizando bases de dados como PubMed, SciELO, LILACS e Google Acadêmico, com o uso das palavras descritivas “automedicação durante a pandemia brasileira”. **RESULTADOS:** Oito artigos selecionados indicaram que durante a pandemia, a automedicação foi utilizada com o intuito de prevenção e tratamento da COVID-19. Isso levou ao uso inadequado de medicamentos como hidroxicloroquina, cloroquina, ivermectina, nitazoxanida, azitromicina e polivitamínicos, suspeitando de tratamento relacionado ao vírus. **CONCLUSÃO:** O uso incorreto de substâncias pode levar a efeitos colaterais graves, outras doenças e vícios. Por isso, é essencial que equipes multidisciplinares orientem os pacientes a utilizar os medicamentos de forma racional.

Descritores: Automedicação; COVID-19; Pandemia.

7

SELF-MEDICATION DURING THE
COVID-19 PANDEMIC PERIOD BETWEEN
FEBRUARY AND DECEMBER 2020 -
INTEGRATIVE REVIEW**ABSTRACT**

INTRODUCTION: COVID-19 is a viral respiratory syndrome confirmed in Wuhan, China in December 2019. Due to the lethal potential of the virus, some people tried to solve the disease quickly and easily, resorting to self-medication. **OBJECTIVE:** To identify the factors associated with the practice of self-medication during the COVID-19 pandemic. **METHODOLOGY:** This is a broad literature review in which the construction of the research is supported by the question “How was the practice of self-medication evidenced during the pandemic in Brazil?”. The research was carried out in May 2021, using databases such as PubMed, SciELO, LILACS and Google Scholar, using the descriptive words “self-medication during the Brazilian pandemic”. **RESULTS:** Eight selected articles indicated that during the pandemic, self-medication was used for the prevention and treatment of COVID-19. This led to the inappropriate use of drugs such as hydroxychloroquine, chloroquine, ivermectin, nitazoxanide, azithromycin and multivitamins, suspecting virus-related treatment. **CONCLUSION:** Incorrect use of substances can lead to serious side effects, other diseases and addictions. Therefore, it is essential that multidisciplinary teams guide patients to use medications rationally.

Keywords: Self-medication; COVID-19; Pandemic.

INTRODUÇÃO

A automedicação é um processo cultural e amplamente difundido, que tem despertado muitas discussões na área da saúde. Para Silva *et al.* (2011), a automedicação é caracterizada pela administração de medicamentos, sem acompanhamento especializado, com a finalidade de amenizar sintomas e tratar doenças.

Essa prática é realizada quando um indivíduo faz uso ativo de drogas ou é recomendado por familiares ou amigos. Com isso, inicia, estende, interrompe ou muda o tratamento medicamentoso sem consultar um profissional especializado. O uso de receitas médicas antigas também é considerado autoterapia.

Inúmeros são os fatores que levam o ser humano a se automedicar. Silva *et al.* (2011) relata que os motivos são graças ao alto custo da consulta médica, o fácil acesso a medicamentos de venda livre, o medo de agravar os sintomas nos quais estão sentindo, a capacidade limitada de prescrição, a publicidade excessiva, o acesso rápido a informações sobre medicamentos na internet e a falta de informações públicas.

A COVID-19 surgiu no final do ano de 2019 e em fevereiro de 2020 foi determinada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) um estado de pandemia, graças ao avanço irrefreável, sendo caracterizada por ser uma infecção respiratória que pode causar sintomas semelhantes aos da gripe e pode evoluir para pneumonia grave, causando fadiga, perda de paladar ou olfato, febre e dificuldade para respirar (BRASIL, 2020).

Tendo em vista, que os sintomas e o grande número de mortes pela COVID-19 ocasionaram uma grande histeria (OMS, 2020). Naturalmente, as pessoas de diferentes idades, classes sociais e gêneros buscaram medidas profiláticas e recursos terapêuticos contra essa doença.

Além disso, relatos de agravamentos de ansiedade, depressão e estresse por conta do isolamento social geraram a busca de ansiolíticos, antidepressivos e estabilizadores de humor (DIAS, 2021).

Com a facilidade no acesso de informações, juntamente com o isolamento social, empresas e órgãos governamentais buscaram atingir direta e indiretamente a atenção das pessoas na busca de medicamentos que, sem estudo comprovado, tinham finalidade terapêutica de atingir o vírus de forma que o neutralizava ou “imunizava” o consumidor (ALVES, 2022; SOUZA *et al.*, 2021).

Vários estudos têm mostrado que estudantes universitários de diferentes cursos e áreas da saúde apresentam alta proporção em números de automedicação. Santos *et al.* (2018) afirma, que os principais cursos que mais se automedicam são os da área da saúde, onde no futuro, serão responsáveis por conscientizar as pessoas sobre os riscos da automedicação.

Segundo estimativas da OMS, mais de 50% de todos os medicamentos são prescritos, dispensados ou vendidos de maneira inadequada. Adicionalmente, metade de todos os pacientes não faz uso dos medicamentos corretamente. Conscientizar as pessoas sobre os riscos reais dessa prática é essencial, considerando que pode ocasionar reações graves, inclusive levando a óbito (BRASIL, 2021).

Neste sentido surgiu o interesse em investigar as causas e as situações que levaram à prática da automedicação no período da COVID-19. Importante para avaliar o impacto da pandemia na saúde das pessoas, combater a desinformação e promover a educação em saúde. Essas informações podem contribuir para o desenvolvimento de políticas e intervenções eficazes visando à saúde pública.

Portando, este estudo tem como objetivo identificar os fatores associados à prática de automedicação durante a pandemia de COVID-19. Dessa forma, elaborou-se a seguinte questão: “Como foi evidenciado a prática da automedicação durante a pandemia no Brasil?”

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão integrativa, que se baseia na coleta e comparação de dados disponíveis na literatura para aprofundar o conhecimento sobre o tema da pesquisa.

O presente trabalho aborda a questão da automedicação durante a pandemia de COVID-19, buscando dados que embasem o papel da equipe de saúde nessa complexa situação nas publicações sobre o assunto. Esta pesquisa tem como objetivo responder à seguinte questão: Como foi evidenciado a prática da automedicação durante a pandemia no Brasil?

A coleta de dados foi realizada por meio de consulta às publicações de autores com referência na área e posterior leitura crítica dos títulos e resumos no período de 2020 a 2021.

Como critérios de inclusão para bibliografia, foram utilizados artigos publicados em português, inglês e espanhol nas bases de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO), PubMed, Google Acadêmico e Latin American Health Sciences Archives (LILACS) no período de 2020-2021. Para a busca bibliográfica, foram definido o seguinte descritor: Automedicação no Brasil durante a pandemia de COVID-19. Os resultados desta etapa estão visíveis no Quadro 1:

Quadro 1 – Publicações disponíveis no período de 2020 a 2021, de acordo com os descritores e as bases de dados.

BASES DE DADOS	A AUTOMEDICAÇÃO DURANTE A PANDEMIA NO BRASIL
LILACS	09
SciELO	03
PubMed	08
Google Acadêmico	11
Total	31

Fonte: Elaborado pelo autor, 2021.

Foram excluídos artigos com publicações anteriores ao ano de 2020 e posteriores ao ano de 2021, artigos que se expõem nas plataformas de pesquisa como artigos sem acesso ao texto completo, trabalhos de conclusão de curso, teses, dissertações, anais de congresso, capítulos de livro, artigos fora do tema em questão e duplicados.

A busca nas bases de dados apresentou 09 publicações no LILACS, 03 na SciELO, 08 na PubMed e 11 no Google Acadêmico, configurando um total de 31 artigos.

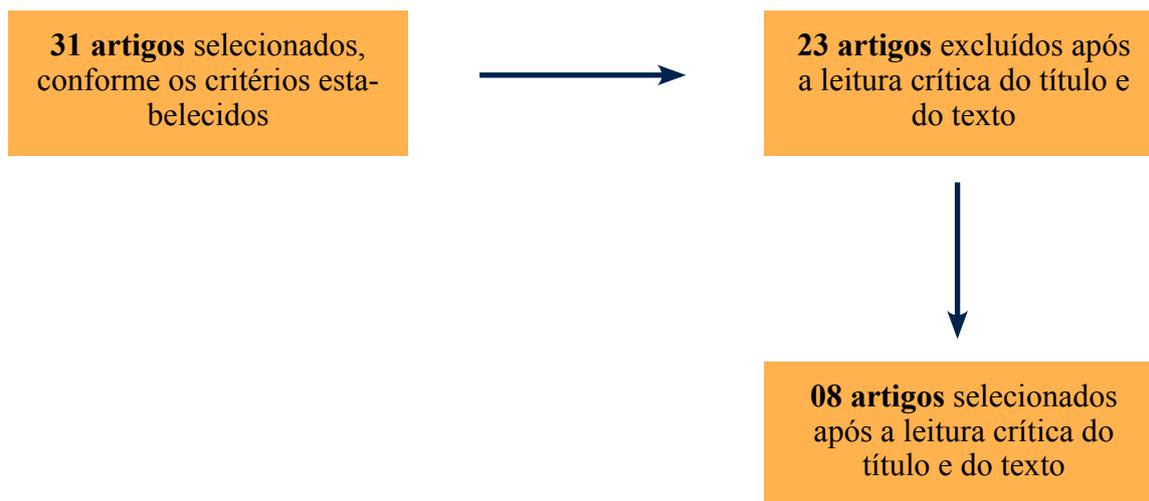
Desta forma, 31 trabalhos serviram de objeto de análise, passando-se a leitura de seus títulos e resumos.

Para a classificação dos trabalhos, foi desenvolvida uma ferramenta de, que inclui as seguintes informações: dados de identificação do artigo (título, autor, nome do periódico, ano de publicação, volume e

número), tipo de pesquisa, local de pesquisa, objetivos da pesquisa e a automedicação durante a pandemia no Brasil.

Após a leitura crítica do texto na íntegra, restaram 08 trabalhos como fontes de dados para esta pesquisa, conforme mostrado na Figura 1 a seguir:

Figura 1 – Publicações disponíveis no período de 2020 a 2021, de acordo com os descritores e as bases de dados. Seleção dos artigos nas bases de dados LILACS, SciELO, Google Acadêmico e PubMed.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2021.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A seguir estão os resultados desta pesquisa, apresentados por meio de quadros, tabelas e gráficos, e uma discussão dos dados encontrados.

O Quadro 2 mostra os títulos dos 08 artigos que compõem a amostra deste trabalho

Quadro 2 – Títulos e autores dos artigos selecionados como amostra do estudo.

Nº	TÍTULO	AUTORES
01	A automedicação no período de pandemia de COVID-19: Revisão integrativa	OLIVEIRA <i>et al.</i> (2021).
02	Automedicação na pandemia do novo corona vírus	SILVA; JESUS; RODRIGUES (2021)
03	Ivermectina: a panaceia do tratamento profilático do COVID-19	SILVA; FREITAS. (2021).
04	O impacto das fake news e a sua influência na automedicação na COVID-19	MIGUEL; CARVALHO. (2021).
05	O uso político da cloroquina: COVID-19, negacionismo e neoliberalismo	CAPONI <i>et al.</i> (2021).
06	Ocorrência de Automedicação na população Brasileira como estratégia preventiva ao SARS-CoV-2	SOUZA <i>at al.</i> (2021).
07	Os riscos da automedicação por hidroxicloroquina frente a Pandemia de COVID-19	SANTOS <i>et al.</i> (2021).
08	Automedicação e uso indiscriminado de medicamentos durante a pandemia da COVID-19	MELO <i>et al.</i> (2021).

Fonte: Elaborado pelo autor, 2021.

A automedicação de forma inadequada é descrita por oito dos autores como uma prática comum em todo o território brasileiro, já que consiste em uma prática corriqueira de países em desenvolvimento (OLIVEIRA *et al.*, 2021; SILVA; JESUS; RODRIGUES, 2021; SILVA; FREITAS, 2021; MIGUEL; CARVALHO, 2021; CAPONI *et al.*, 2021; SOUZA *et al.*, 2021; MELO *et al.*, 2021).

Devido essa prática corriqueira, o mercado farmacêutico iniciou um processo de lucro baseado na criação de “kits-COVID”, que tinham o intuito de incentivar o uso off-label de determinados medicamentos, e que instigavam informando ou determinando sua eficácia no tratamento ou na profilaxia, isso fazendo com que houvesse um impulso nas vendas do mercado farmacêutico (MELO *et al.*, 2021).

Esses kits continham medicamentos isentos de comprovação científica contra a COVID-19, entre eles os mais comuns eram: a hidroxicloroquina ou cloroquina, a ivermectina, nitazoxanida, azitromicina (casos excepcionais, devido à venda contralada) e polivitamínicos que contivesse ácido ascórbico (vitamina C),

zinco e colecalciferol (vitamina D) (MELO *et al.*, 2021).

Conforme Costa *et al.* (2022), evidenciou que os principais medicamentos utilizados eram os suplementos (65,4%), medicamentos naturais (42,3%) e azitromicina (38,5%).

De acordo com dados obtidos na pesquisa de Oliveira *et al.* (2021), 30,1% de 157 entrevistados se automedicaram no intuito da prevenção da COVID-19, sendo que a ivermectina teve uma taxa de utilização dos entrevistados de 52,8%, a azitromicina 14,2%, já nos polivitamínicos, os que obtiveram destaque foi vitamina C com 66,4% e vitamina D com 10,9%.

Corroborando, Andrade, Moreno e ORTIZ (2021) em sua pesquisa realizada através da aplicação de um questionário em uma população universitária da área de saúde, constataram que 52,54% dos entrevistados se automedicaram durante a pandemia, utilizando um ou mais dos seguintes medicamentos: Ivermectina (35,59%), Cloroquina/Hidroxicloroquina (0%), Vitamina D (23,73%), Vitamina C (18,64%) e Azitromicina (8,47%).

Vitaminas são usadas para fortalecer o sistema imunológico, mas seu uso indiscriminado pode levar a Hipervitaminose. A vitamina C pode causar efeitos adversos como náusea, vômito, dores de estômago e dor de cabeça, porém, não há evidência de interação medicamentosa (SILVA, 2021). As vendas de vitamina C aumentaram 180% e de vitamina D em 35,56% de janeiro a março de 2020 (BRITO, 2020).

Em seu estudo, Sádio *et al.* (2021) relatam que a vitamina C (27,6%) foi o medicamento mais utilizado para prevenir a COVID-19. O mesmo estudo ainda relata que a superdosagem de vitamina C pode resultar em hipervitaminose e efeitos colaterais, ocasionando um risco crescente de pedras nos rins.

Segundo Melo *et al.* (2021) as taxas comerciais de alguns medicamentos alcançaram um crescimento equivalente à 829%, caso da ivermectina que no ano de 2019 houve uma venda de R\$ 44 milhões, já no ano de 2020 atingiu R\$ 409 milhões. Logo atrás vem a hidroxicloroquina/cloroquina com R\$ 91,6 milhões de vendas em 2020, cerca de 66,5% a mais que no ano anterior, onde alcançou R\$ 55 milhões. Já a azitromicina, teve um aumento de 30,8%, pois em 2019 as vendas alcançaram R\$ 12 milhões e em 2020 foram cerca de R\$ 16 milhões

De acordo com Brito *et al.* (2020) durante o mês de junho de 2020, houve um aumento de 1222% nas vendas de Ivermectina, no qual o mercado farmacêutico vendeu cerca de 8,6 milhões de caixas de ivermectina.

O uso indiscriminado da ivermectina, que possui atividade inibitória no sítio de ligação viral, apesar de apresentar eficácia apenas contra vírus em testes *in vitro*, tem sido associado a muitos casos de resistência de microbiana, principalmente bactérias e parasitas, uma pequena fração da concentração da ivermectina tem potencial neurotóxico juntamente com sua atividade hepatotóxica por induzir necrose hepática, sendo ocasionalmente administrado aos pacientes com cloroquina, hidroxicloroquina e azitromicina (SILVA; JESUS; RODRIGUES, 2021).

Similar a este resultado, o estudo realizado por Souza *et al.* (2021) informa que o fármaco de maior uso foi Ivermectina (52,8%), seguido por Azitromicina (14,2%), e das pessoas que se automedicaram 27,1% desconhecem sobre os efeitos nocivos que esses medicamentos possuem.

A ivermectina, juntamente com outros fármacos já existentes, entraram em estudos clínicos para observarem a eficácia na possível profilaxia ou tratamento contra a COVID-19. Devido ao vazamento de informações sobre sua eficácia *in vitro*, a ivermectina passou a ser utilizada como “medicamento milagroso”, entretanto ela apresenta uma atividade de inibição dos sítios de ligação do vírus, que sendo utilizada

de maneira indiscriminada causa resistência microbiana e, além de possuir um potencial de neurotóxico e hepatotóxico, influenciando na necrose hepática se associada com a hidroxicloroquina/cloroquina e/ou azitromicina (SILVA; FREITAS, 2021).

De forma controversa, de acordo com o estudo de Silva; Jesus; Rodrigues (2021) a Hidroxicloroquina/cloroquina foi a mais citada nos artigos selecionados sobre a automedicação e os anti-retrovirais.

A cloroquina e a hidroxicloroquina são medicamentos usados no tratamento da malária e do lúpus, mas têm potencial de uso no tratamento da COVID-19 porque foram feitos estudos *in vitro* para testar sua eficácia como medicamento antiviral em 2003, quando houve uma epidemia de SARS-CoV - 1. No entanto, não há indicações comprovadas e as pessoas continuam se automedicando por falta de medicamentos com eficácia comprovada na cura da COVID-19 (SILVA; JESUS; RODRIGUES, 2021).

Por outro lado, a hidroxicloroquina/cloroquina teve o seu aumento de consumo devido ao uso político de discurso do presidente nacional e de seus aliados, se caracterizando um negacionismo científico, segundo Caponi *et al.* (2021).

O negacionismo político teve sua caracterização na seletividade da hidroxicloroquina/cloroquina como método de tratamento seguro e eficaz, desfigurando o consenso científico, que, por sua vez, não definiu ou assegurou o uso de medicamentos corretos para o tratamento contra a COVID-19. Entretanto, o uso do fármaco de forma off-label possui caráter de responsabilidade do prescritor (CAPONI *et al.*, 2021).

De acordo com Ferreira & Carvalho (2021), foram identificados fatores negativos que influenciam as pessoas a recorrerem à automedicação. Eles destacaram a carga horária extensa de trabalho e as demandas da vida familiar e estudantil, que consomem a maior parte do tempo de um indivíduo. Nesse contexto, a automedicação é vista como uma forma rápida de aliviar certas doenças, evitando assim o desperdício de tempo e impactos na rotina diária.

Os principais motivos que levaram os consumidores a praticar a automedicação durante a pandemia foram a prevenção e melhora dos sintomas, sejam eles positivos ou negativos, evitando o atendimento e a realização do teste (SILVA; JESUS; RODRIGUES, 2021).

Conforme Carvalho & Guimarães (2020), um dos motivos que também levou a prática da automedicação durante a pandemia foi o descrédito depositado na ciência. Isso levou as pessoas a arriscarem sua própria saúde ao recorrerem a medicamentos sem orientação adequada, iludindo-se com uma falsa sensação de proteção contra a COVID-19.

Todavia, devido os riscos no uso indiscriminado, a hidroxicloroquina/cloroquina e outros fármacos, foram inscritos e retificados na RDC 405/2020, pondo a necessidade de receituário de controle especial com retenção de uma das vias. Já a azitromicina, por ser um antibiótico, já possuía tratamento específico, por controle especial de duas vias, contudo, sua utilização no tratamento da COVID-19 tinha tendo sua venda através de receituário o intuito da prevenção contra uma superinfecção bacteriana em alguns pacientes. (MIGUEL; CARVALHO, 2021).

CONCLUSÃO

Em uma sociedade onde os medicamentos são o tratamento mais utilizado, esforços para readequar as atividades ao uso racional dos medicamentos são fundamentais.

Os resultados deste estudo podem ajudar a sociedade a entender melhor o comportamento das pessoas em relação ao uso de medicamentos, destacar riscos potenciais à saúde e fornecer subsídios para abordagens educacionais, políticas e intervenções apropriadas.

No Brasil, além de garantir o acesso aos serviços de saúde e medicamentos de qualidade, também é necessário implementar medidas de conscientização que promovam o uso racional de medicamentos e forneçam resultados que afetem diretamente os indicadores de saúde.

A equipe multiprofissional juntamente com o farmacêutico deve ter conhecimentos, atitudes e competências que lhe permitam interagir mais com os doentes e a comunidade, contribuindo assim para a melhoria da qualidade de vida, sobretudo na otimização do tratamento medicamentoso e do uso racional de medicamentos.

A participação de todos os profissionais de saúde é fundamental para prevenir os danos causados pelo uso indevido de medicamentos, mostrando a possibilidade de causar efeitos nocivos caso as substâncias sejam usadas incorretamente, podendo trazer agravamentos de doenças, intoxicações ou mesmo resistência medicamentosa. Alguns medicamentos podem potencializar ou anular o efeito do outro, causar reações alérgicas, dependência e até levar ao óbito.

Contudo, esta pesquisa apresentou algumas limitações. Uma delas foi a dificuldade de encontrar artigos disponíveis, por haver uma quantidade limitada de estudos durante esse período de 2020 a 2021. Além disso, o contexto está em constante mudança, tornando importante realizar uma avaliação crítica dos mesmos. Orienta-se então, possíveis estudos futuros utilizando outros tipos de palavras-chave ou ainda outro recorte temporal, aumentando a oportunidade de novos achados científicos com o intuito de favorecer novas contribuições.

Por fim, sugere-se que o uso das redes sociais seja para disseminar informações cientificamente embasadas para a população, recordando sempre os riscos que podem estar associados à prática da automedicação. Além disso, recomenda-se também que sejam desenvolvidos estudos futuros sobre a automedicação e seus riscos voltados para grupos especiais.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Deisielly Keila Barboza *et al.* Impacto da pandemia da Covid-19 nas práticas de automedicação: um estudo descritivo com professores da rede pública de Pernambuco. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, v. 15, n. 8, p. e10744-e10744, 2022.
- ANDRADE, Eder Aleksandro; MORENO, Vanessa Generale; ORTIZ, MAL. Perfil de uso de medicamentos e automedicação, em uma população universitária, frente a pandemia da Covid-19/Profile of use of medicines and self-medication, in a university population, in front of Covid-19 pandemic. *Brazilian Journal of Development*, v. 7, n. 7, p. 73772-73784, 2021.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Anvisa alerta para riscos do uso indiscriminado de medicamentos. 2021.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Protocolo de Manejo Clínico para o novo coronavírus (2019-nCov). Ministério da saúde, 1ª ed. Brasília-DF, 2020.
- BRITO, Júlio César Moreira *et al.* Uso irracional de medicamentos e plantas medicinais contra a COVID-19 (SARS-CoV-2): Um problema emergente. *Brazilian Journal of Health and Pharmacy*, v. 2, n. 3, p. 37-53, 2020.
- CAPONI, Sandra *et al.* O uso político da cloroquina: COVID-19, negacionismo e neoliberalismo. *Revista brasileira de sociologia*, v. 9, n. 21, p. 78-102, 2021.
- CARVALHO, Wellington; GUIMARÃES, Ádria Silva. Desinformação, Negacionismo e Automedicação: a relação da população com as drogas “milagrosas” em meio à pandemia da COVID-19. *InterAmerican Journal of Medicine and Health*, v. 3, 2020.
- CAVALHEIRO, Amanda Henriques; UNGARI, Andrea Queiróz. Análise da automedicação no cenário da COVID-19: uma revisão sistemática rápida. Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto-USP, 2020.
- COSTA, Ruth Silva Lima *et al.* Prática da automedicação entre acadêmicos de enfermagem durante a pandemia de covid-19. *Revista Enfermagem Contemporânea*, v. 11, p. e4725-e4725, 2022.
- DIAS, Isadora Correia *et al.* Os impactos da pandemia de COVID-19 na saúde mental da população. *Revista Eletrônica Acervo Científico*, v. 30, p. e8218-e8218, 2021.
- FERREIRA, Isabella Silva; DE CARVALHO, Ciro José Sousa. A influência da propaganda de medicamentos na prática da automedicação: um problema de saúde pública. *Brazilian Journal of Development*, v. 7, n. 5, p. 47642-47652, 2021
- MELO, José Romério Rabelo *et al.* Automedicação e uso indiscriminado de medicamentos durante a pandemia da COVID-19. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 37, 2021.
- MIGUEL, Leila Corrêa Bueno; CARVALHO, Ciro José Sousa de. O impacto das fake news e a sua influência na automedicação na COVID-19. 2021.
- OLIVEIRA, João Victor Lopes *et al.* A automedicação no período de pandemia de COVID-19: Revisão integrativa. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 3, e58610313762, 2021.
- ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE/ ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. Folha Informativa- COVID-19 (doença causada pelo novo coronavírus) – OPAS/OMS. 2020.
- SADIO, Arnold J *et al.* Assessment of self-medication practices in the context of the COVID-19 outbreak in Togo. *BMC public health*, v. 21, n. 1, p. 1-9, 2021.

SANTOS, Thiago Sampaio dos *et al.* Prática da automedicação entre acadêmicos do curso de enfermagem de uma instituição de ensino superior. *Scientia Plena*, v. 14, n. 7, 2018.

SILVA, Alícia; JESUS, Jefferson Silva Pinho; RODRIGUES, Juliana Lima Gomes. Automedicação na pandemia do novo coronavírus. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, v. 7, n. 4, p. 938-943, 2021.

SILVA, Lucas Gabriel; DE FREITAS, Leda Terezinha. Ivermectina: a panacéia do tratamento profilático do COVID-19. *Brazilian Journal of Development*, v. 7, n. 5, p. 49599-49612, 2021.

SILVA, Lucas Salles Freitas *et al.* Automedicação em acadêmicos de cursos de graduação da área da saúde de uma universidade privada do Sul do estado de Minas Gerais. *Odontologia Clínico-Científica (Online)*, v. 10, n. 1, p. 57-63, 2011.

SOUZA, Amanda de Fátima *et al.* Covid-19: Automedicação de indivíduos psicologicamente afetados. *Brazilian Journal of Development*, 2021; 7(1).

SOUZA, Maria Nathalya Costa *et al.* Ocorrência de Automedicação na população Brasileira como estratégia preventiva ao SARS-CoV-2. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 1, p. e44510111933-e44510111933, 2021.